

UM ESTUDO DA FÁBULA: “O LOBO E O CORDEIRO”

Ilizabete L. Cocci Fadoni¹
Luciana de Lima¹
Sonia M. D. Morelli²

RESUMO: Este trabalho destaca a deficiência de estudos interpretativos, focalizando a pesquisa de fábulas na sociedade contemporânea. Além disso, questiona que uma leitura não se fixa em seu primeiro momento; há todo um processo de esquadrihcação do corpo de um texto, e este é apresentado através de várias etapas, dando passos ao docente para que ele investigue ao máximo uma leitura, e seja bem sucedido. Sendo assim, ao desenrolar deste trabalho, haverá um confronto de idéias propostas por alguns fabulistas e teóricos, ressaltando a importância de se estudar fábulas na escola contemporânea, fazendo alguns questionamentos sobre as morais pregadas em texto como este.

PALAVRAS-CHAVE: processos de leitura, fábula, contemporaneidade.

CONFRONTANDO IDÉIAS

Há vários tipos de leitura dentro de uma sala de aula: um conto, uma fábula, um romance, uma figura, que podem ser absorvidos através das leituras auditiva, visual, silenciosa ou oral.

O fato de se enfocar leitura sobre fábulas neste artigo, não é apenas pela deficiência de estudos, mas pelo quão importante é este tipo de texto, pelo fundo moral que cada um apresenta.

Para que o processo de leitura seja bem sucedido, o professor deve estar motivado e gostar de ler, pois se isso não procede, não conseguirá atingir o seu objetivo. Quando se entra em uma sala, o educador, deve orientar seus discentes após o conhecimento prévio da leitura proposta, neste caso - fábulas, esclarecer quaisquer dúvidas o aluno poderá ter e, ao mesmo tempo, motivá-lo para leitura.

Segundo Cabral (in MENEGASSI, 1995, p. 86), há quatro tipos de etapas para leitura: decodificação, compreensão, interpretação e retenção.

O processo de leitura, segundo uma visão psicolinguística, possui quatro etapas, a saber, decodificação, compreensão, interpretação e retenção. (...) em estudo realizado sobre a compreensão de leitura apresenta três habilidades essenciais do processo: reconhecimento, estruturação e interpretação.

A primeira situação diz respeito ao ato de o interlocutor decodificar todos os signos linguísticos. A segunda etapa, a compreensão, é todo o conhecimento de mundo que o leitor tem, e se junta com a expansão da leitura. Na terceira etapa, a interpretação, o leitor se deparará com o desenvolvimento da compreensão que, ao compreender, faz uso de seus conhecimentos anteriores, interligando-s aos conteúdos que o texto apresenta.

A retenção, que é a quarta etapa do processo de leitura, é responsável pelo armazenamento das informações mais importantes na memória do interlocutor.

No momento em que o professor apresenta algo para ser objeto de leitura, uma tática é dizer para o aluno que dentro da escola ele só está ensaiando para poder conseguir êxito no

mundo fora dela. Caligari afirma: (1997, p. 148) “A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”.

O autor expõe um exemplo do que acontece nos dias de hoje. Quando um aluno não consegue resolver um problema de matemática, mas consegue fazer um exercício, há um grande conflito na sua mente: ele não consegue fazer interpretação do texto. Mas se o professor praticar este processo, este problema poderá ser minimizado e até solucionado.

Outra questão relevante é que muitos educadores não gostam de ler, e, sem esta motivação, não conseguem passar o prazer de uma boa leitura para os alunos.

Devido a este fator o processo da leitura, se torna maçante, cansativo e, o que é pior, não acrescenta nada ao aluno. Com isso, o discente toma antipatia por este processo tão maravilhoso.

Outro problema deve ser ressaltado. É preciso respeitar o modo de cada aluno ler. Muitos professores acham que a sala toda deve ler de uma só forma, ignorando as diferenças de cada um. Caligari (1997, p. 151) fala que a leitura deve ser a linha do horizonte para a imaginação do aluno:

Diante das mesmas histórias, certas crianças ficam revoltadas, outras apavoradas, outras, ainda, acham graça e algumas até não entendem o fantástico. Cada uma lê a seu modo. E isso não é mal, mas é o que deve acontecer, e a escola deve respeitar a leitura de cada um. Embora a leitura participe de uma certa convencionalidade, (...) é sempre uma obra aberta, jamais fechada.

Após o ato da leitura, o educador deve levantar um questionário oral sobre o feito. E respeitar cada interpretação que o aluno teve. Isto ajuda na auto-compreensão do texto e acrescenta mais idéias aos outros. É muito importante fazer um aluno pensar, questionar e debater. Um texto lido sempre acrescenta algo, desde um *out-door* até uma obra literária. Quando se pensa e se reflete em algo lido, cria-se uma espécie de diálogo entre o leitor e o interlocutor.

¹ Graduanda em Letras Português/Inglês pela Universidade Paranaense - Cianorte

² Mestre em Letras, Professora de Literatura Brasileira da Universidade Paranaense - Cianorte

A FÁBULA EM SALA DE AULA

Quando se apresenta uma fábula no início do terceiro ciclo, muitos alunos podem se sentir desmotivado pela leitura: acham que já passou da faixa etária de se ler este tipo de texto ou que já o conhecem, porque já o viram em algum lugar ou séries passadas. O professor deve apresentar o texto, falar qual era a intenção de se escrever fábulas em épocas remotas da história. Um exemplo é falar da intenção de Esopo, que não era a mesma de La Fontaine, como também, Monteiro Lobato, Fedro, Milôr Fernandes e outros fabulistas. O educador deve chegar na sala de aula e contar a história da criação da fábula, dizer a intenção do autor e confrontar as idéias com o mundo contemporâneo.

O professor é o mediador entre o conhecimento e o aluno, por isso deve prestar muita atenção quando leva uma fábula para a sala de aula, e tentar perceber quais as vertentes que o foco literário poderá seguir.

Podemos pegar como exemplo a fábula “*O lobo e o cordeiro*” de La Fontaine (www.metaforas.com.br). Nela, o lobo apresenta diversos argumentos para tentar comer o cordeiro. Trazendo para nossa realidade, o professor deve especificar o papel que cada personagem apresenta.

Um exemplo seria analisar o lobo como mundo lá fora, a classe dominante que para alcançar seus objetivos, passa por cima, não tem escrúpulos. O cordeiro como o dominado, aquele que não tem voz.

Quando se trabalha desta forma, uma fábula nunca envelhece, sempre está esclarecendo dúvidas, trazendo um conhecimento prévio ou teórico da realidade do mundo.

Este tema - estudar fábulas, é tão abrangente que, tomando esta como exemplo, o professor deve passar a mensagem de que se deve estar atento a possíveis argumentos relevantes como o do lobo, e o aluno deve estar

atento a qualquer tipo de argumentos, não sendo tão simples como um “cordeiro”.

Após uma leitura crítica como esta, o educador deve fazer um levantamento de dados da sociedade contemporânea e o meio onde os discentes vivem, confrontando as mensagens fabulares com a realidade deles. Para cada aula ou fábula há um contexto que deve ser direcionado pelo educador levando à reflexão. Isto é colocar a teoria das quatro etapas da leitura de Menegassi em prática. Agindo desta forma, o professor está dando enfoque direcionado a última etapa: a retenção – o que o aluno absorveu.

CONCLUSÃO

A motivação à leitura deve estar presente não só na vida do professor, mas em seus alunos. Se o educador não a tem jamais conseguirá que o discente possa ter. Na escola, o hábito de ler deve ser cultivado desde o início.

O professor deve estar sempre direcionando a leitura e, principalmente, não dar as respostas, mas fazendo o aluno questionar, refletir e interpretar.

A interpretação é algo que está se acabando, principalmente com os alunos, que passam a maior parte de seu tempo à frente de uma televisão, que não cria pensadores, mas dá tudo pronto e pensado. O ato interpretativo de ler é algo inovador que, muitas vezes, gera polêmica na sala de aula, e isto é excelente para a geração de futuros pensadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALIGARI, L. C. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1997.

<http://www.metaforas.com.br/infantis/oloboeocordeiro.htm>

MENEGASSI, R. J. Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor, **Revista UNIMAR**, Maringá, v.17, 1995.